



OBSERVATÓRIO DA CIDADE RESILIENTE



CAMPANHA
CONSTRUINDO CIDADES RESILIENTES



MINHA CIDADE ESTÁ SE PREPARANDO!

Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 06/03/2020



Termômetros podem registrar temperaturas acima da média sem influência de El Niño

A Organização Meteorológica Mundial, OMM, prevê que as temperaturas estejam acima da média em várias áreas nos próximos meses deste ano. Esta sexta-feira, a agência apontou que não prevê ocorrência do fenômeno climático El Niño.

O evento natural periódico provoca oscilações das temperaturas da superfície do Oceano Pacífico com riscos de fortes chuvas, inundações e secas. O fenômeno normalmente influencia o aquecimento das temperaturas globais, enquanto o La Niña tem o efeito oposto.

Superfície

Na Atualização Global sobre o Clima, a OMM destaca que poderão ocorrer temperaturas acima da média da superfície do mar provavelmente em partes consideráveis do globo, tanto nos trópicos quanto em regiões extratropicais.

O ano 2016 lidera e 2019 está em segunda posição como ano mais quente da história.

Entre março e maio, a temperatura da Terra poderá estar acima do normal, principalmente em regiões tropicais. O relatório destaca que essa situação também poderá ser influenciada pela tendência de aquecimento global e do ar.

O secretário-geral da OMM, Petteri Taalas, disse haver 90% da energia captada pelos gases de efeito estufa entrando no oceano, e que o conteúdo de calor oceânico está em níveis recordes.

O representante lembrou que o ano de 2016 foi o mais quente da história devido à combinação de um forte El Niño e do aquecimento global induzido pelos humanos.

Mas 2019 está em segunda posição como ano mais quente, mesmo não tendo sido registrado um forte El Niño.

Força natural

Depois de janeiro de 2020 ter sido o primeiro mês mais quente registrado em um ano, o representante destacou que isso sinaliza um impulso da mudança climática induzida por seres humanos que é agora comparável ao de uma grande força natural.

A ocorrência de El Niño do Oceano Índico, em julho de 2019, causou secas que provocaram incêndios na Austrália, chuvas e inundações acima da média no leste da África, além de ter favorecido a atual crise de gafanhotos do deserto na região.

FONTE:https://news.un.org/pt/story/2020/03/1705771?utm_source=ONU+News+-+Newsletter&utm_campaign=4a868f533d-EMAIL_CAMPAIGN_2020_03_03_01_20&utm_medium=email&utm_term=0_98793f891c-4a868f533d-105027597



Austrália: Muitas pessoas querem ajudar a natureza após os incêndios - precisamos aproveitar o momento

Por Denise Goodwin, Universidade Monash; Abby Wild, Monash University, e Melissa Hatty, Monash University

À medida que a devastação desta temporada de incêndios florestais se desenrola, muitas pessoas se perguntam: o que posso fazer para ajudar? Talvez eles tenham doado dinheiro, deixado comida para a vida selvagem ou pensado em se juntar a um grupo de regeneração de matas.

Grandes momentos de mudança de vida - sejam da sociedade ou pessoais - oferecem oportunidades únicas para perturbar hábitos e promover novos comportamentos. Pense em como um ataque cardíaco pode levar algumas pessoas a adotar um estilo de vida mais saudável.

Para muitos australianos, o desastre com fogo de artifício poderia representar um ponto de virada, marcando o momento em que adotam novas ações de longo prazo para ajudar a natureza. Mas governos e organizações ambientais devem envolver rapidamente as pessoas antes que o momento se perca.

Criaturas do hábito

O comportamento humano geralmente é habitual, resistente a mudanças e moldado pelo contexto, como hora do dia, local ou grupo social. Mas quando esse contexto é interrompido, surgem oportunidades para promover mudanças.

Tome o caso de tomar medidas sobre as mudanças climáticas. Pesquisas sobre percepções públicas, inclusive na Austrália, sugerem que a maioria das pessoas vê as mudanças climáticas como não sendo pessoalmente relevantes. Em outras palavras, eles estão "psicologicamente distantes" do problema. Isso significa que é menos provável que eles adotem comportamentos pró-ambientais.

Mas a crise do incêndio florestal foi pessoalmente relevante para milhões de australianos. Alguns entes queridos ou lares tragicamente perdidos. Milhares foram forçados a evacuar ou tiveram férias interrompidas. E a névoa de fumaça que envolveu nossas cidades interferiu muito na vida cotidiana.

Tais rupturas são descritas na psicologia e na ciência do comportamento como um momento de mudança, o que significa que está na hora de incentivar novos comportamentos.

Onde há uma vontade

Mesmo antes da crise do fogo, muitos australianos estavam preparados para agir pela natureza.

Em 2018, realizamos uma pesquisa que constatou que 86% dos vitorianos apoiam valores pró-ambientais e pró-sociais, 95% estão cientes das condições do ambiente de Victoria e da importância da biodiversidade e mais de 64% se sentem conectados à natureza.

A experiência de desastres naturais anteriores fornece mais informações sobre por que as pessoas podem ser voluntárias.

Após o derramamento de óleo da Rena em 2011 na Nova Zelândia, as comunidades se reuniram para remover rapidamente o óleo da costa. Pesquisas posteriores descobriram que as pessoas se ofereceram por várias razões. Isso incluía um senso de responsabilidade coletiva pelo meio ambiente, tanto para as gerações atuais quanto para as futuras, e para conectar-se com outras pessoas e lidar com a resposta negativa ao derramamento.

Um modelo de teoria da mudança de comportamento sugere que, se as pessoas tiverem motivação, capacidade e oportunidade, elas terão maior probabilidade de agir.

Os australianos demonstraram motivação e capacidade de agir nesta crise de incêndios florestais - agora eles precisam de oportunidades. Governos e organizações ambientais devem incentivar comportamentos fáceis que as pessoas podem executar agora.

Colocando em prática

A oportunidade é essencial para promover novos comportamentos. As organizações devem limitar o tempo decorrido entre o primeiro impulso de uma pessoa para ajudar

- como a inscrição em uma organização voluntária - e as oportunidades concretas de ação.

Os grupos de voluntários devem se comunicar cedo com os voluntários, descobrir quais habilidades e recursos eles podem oferecer e fornecer sugestões práticas e fáceis para agir rapidamente.

No curto prazo, isso pode significar sugerir que os cidadãos preocupados mantenham seus gatos dentro de casa e os cães sob controle, particularmente perto de áreas afetadas pelos incêndios; leve uma sacola na praia para recolher lixo e detritos; ou advogar pelo meio ambiente conversando com familiares e amigos sobre por que a natureza precisa ser protegida.

A longo prazo, esses comportamentos podem ser ampliados para atividades como incentivar as pessoas a encher seu jardim com plantas nativas para fornecer um novo habitat para a vida selvagem; voluntariamente fazendo atividades voluntárias pela natureza e participando de projetos de ciência cidadã .

Governos, conselhos e outras organizações devem fornecer informações que orientem as atividades dos voluntários, mas ainda lhes dão controle sobre como eles agem. Isso pode levar a iniciativas positivas, como o Landcare , que permite que a população local projete soluções para problemas ambientais.

A análise da resposta a desastres naturais no exterior mostrou que abordagens descentralizadas que incorporam as comunidades locais funcionam bem.

A imagem a longo prazo

Existe o perigo de que, uma vez que o choque imediato da crise do incêndio florestal passe, algumas pessoas voltem aos seus antigos comportamentos. No entanto, a pesquisa mostrou que quando as pessoas adotam um comportamento pró-ambiental, é mais provável que o repitam no futuro .

Incentivar as pessoas a ajudar a natureza e dedicar algum tempo a ela também pode melhorar o bem-estar físico e mental de uma pessoa .

Após a limpeza do derramamento de óleo na Nova Zelândia, por exemplo, a maioria dos voluntários relatou uma sensação de satisfação, melhores laços sociais e otimismo renovado.

Os incêndios florestais na costa leste deste verão são uma tragédia. Mas se o momento for aproveitado, os australianos podem criar novos hábitos que ajudam o meio ambiente em seu longo processo de recuperação. E talvez um dia, agir pela natureza se torne a nova norma social.

FONTE: <https://theconversation.com/lots-of-people-want-to-help-nature-after-the-bushfires-we-must-seize-the-moment-130874>

Austrália: Desastres aumentam a desigualdade. O financiamento de recuperação pode piorar as coisas

Por Mehmet Ulubasoglu, Universidade Deakin

Minha equipe e eu analisamos a renda das pessoas afetadas por alguns dos piores incêndios florestais, inundações e ciclones da Austrália nas últimas duas décadas. Nossos resultados são desanimadores.

Descobrimos que a diferença de renda aumenta rotineiramente após um desastre natural. Por exemplo, após as inundações de Queensland em 2010-11, a diferença entre as de baixa e média renda na área de influência do rio Brisbane aumentou cerca de US \$ 7.000 por ano.

Pessoas com baixos rendimentos, proprietários de pequenas empresas e trabalhadores a tempo parcial são mais propensas a perder rendimentos após um desastre. Pessoas com renda média e alta, trabalhadores em tempo integral e donos de grandes empresas são muito menos prováveis; na verdade, eles podem até ganhar mais.

Os fundos de recuperação e assistência, que dão mais peso à assistência às empresas do que ao apoio à renda de indivíduos, podem aumentar ainda mais a diferença de renda.

Quem perde

Observando desastres de diferentes escalas nos últimos 20 anos, usamos os conjuntos de dados do censo do Australian Bureau of Statistics de 2006, 2011 e 2016 para comparar a renda de pessoas que vivem em áreas atingidas por desastres com aquelas em áreas comparáveis não afetadas por desastres.

Examinamos as seguintes catástrofes:

- o incêndio de sábado preto de 2009 em Victoria, que matou 173 pessoas e causou US \$ 7 bilhões em danos
- as inundações de Queensland em 2010-11, que mataram 33 pessoas e causaram danos de US \$ 14 bilhões
- Ciclone Oswald, que varreu o nordeste da Austrália em 2013 e atingiu a cidade de Bundaberg, em Queensland - usamos esse caso para medir o efeito de uma catástrofe de média escala
- os incêndios florestais de 2009 que destruíram 38 casas na cidade de Toodyay, na Austrália Ocidental - usamos isso como exemplo de um desastre que afeta uma pequena cidade regional.

Na maioria desses tipos, escalas e áreas, encontramos trabalhadores de baixa renda, pequenos empresários e trabalhadores de meio período, em média, perdendo renda após um desastre.

Uma garçonete empregada casualmente em um restaurante, por exemplo, pode ter sido solicitada a não trabalhar por alguns meses durante um período de limpeza e recuperação. Nossas descobertas sugerem que a maioria das pessoas nunca compõe a renda que perde.

Aqueles com maior probabilidade de perder renda após desastres foram empregados na agricultura, acomodações e serviços de alimentação (cobrindo a indústria do turismo). Após os incêndios no sábado negro, por exemplo, os funcionários da agricultura perderam uma média de A \$ 8.000 em renda anual nos próximos dois anos. Os funcionários das indústrias de acomodações e serviços de alimentação perderam uma média de US \$ 5.000.

Quem ganha

As perdas de renda pós-desastre não afetam tanto os trabalhadores em tempo integral, os que recebem mais renda ou os proprietários de grandes empresas.

De fato, descobrimos que algumas pessoas nessas categorias podem realmente ganhar mais dinheiro após um desastre.

Ao contrário dos grupos de pessoas que perdem, os ganhos não são uniformes. Isso varia de acordo com o desastre. Depois dos incêndios no Sábado Negro, por exemplo, os empregados nos serviços públicos e administrativos de Victoria se beneficiaram mais. Após as inundações de 2010-11 em Queensland, a renda aumentou para os funcionários do setor de saúde e varejo na bacia hidrográfica do rio Brisbane.

O infográfico a seguir mostra perdas e ganhos por nível de renda para assalariados na área de influência do rio Brisbane. Os trabalhadores de baixa renda perderam uma média de US \$ 3.100 no ano seguinte às inundações. Os assalariados de renda média e alta ganharam em média A \$ 3.770 e A \$ 3.380, respectivamente. Cinco anos depois, a renda dos ganhadores de alta renda foi em média A \$ 4.590 maior.

Fundos de ajuda e recuperação

Nossa análise sugere que o financiamento de alívio e recuperação pode contribuir para aumentar a diferença de renda, com os ganhos de renda para alguns grupos indicando que os benefícios são distribuídos de maneira desigual.

A principal razão é como os programas são estruturados. O financiamento tende a ser canalizado para empresas, não para famílias. As empresas recebem adiamento de impostos, subsídios especiais para assistência em casos de desastre, subsídios de oficina de retorno aos negócios, subsídios para operações de limpeza, assistência excepcional em desastres e outras formas de subsídios.

Nos seis meses seguintes às inundações de Queensland, por exemplo, apenas 10% dos gastos com recuperação foram para assistência de renda e salário. Pelo menos 80% foram para empresas .

Construindo um modelo mais sustentável

No geral, há espaço para repensar como podemos construir um modelo mais sustentável para a recuperação de desastres.

É importante ajudar as empresas, porque estas são artérias da economia. Porém, quatro possíveis melhorias no atual modelo de financiamento de recuperação podem ajudar a minimizar o aumento da diferença de renda.

Primeiro, os programas de assistência devem priorizar o equilíbrio do imperativo da ajuda de curto prazo com a importância de não piorar a desigualdade no longo prazo.

Segundo, os arranjos de financiamento precisam levar em consideração as características de diferentes desastres e os diferentes padrões de efeitos sociais. Nem todos os desastres são iguais, mas o atual modelo de financiamento tende a tratá-los como se fossem.

Terceiro, os programas devem dar conta da maior vulnerabilidade das famílias que dependem de meio período, trabalho casual e outras formas de trabalho inseguro.

Quarto, os programas devem reconhecer a suscetibilidade de diferentes setores de emprego. Embora o esquema de acordos de socorro e recuperação de desastres naturais ofereça alguns benefícios ao setor agrícola, outros setores, como acomodações e serviços de alimentação, também podem ser atingidos.

Renda é importante. Molda todas as decisões domésticas. Com a previsão de eventos climáticos mais frequentes e extremos, os desastres naturais representam uma ameaça crescente à igualdade social e a todos os benefícios que daí advêm. É crucial garantir que os esforços de socorro e recuperação não contribuam inadvertidamente para aumentar a diferença.

O título original deste artigo é: 'Desastres naturais aumentam a desigualdade. O financiamento de recuperação pode piorar as coisas '

FONTE: <https://theconversation.com/natural-disasters-increase-inequality-recovery-funding-may-make-things-worse-131643>



A esmagadora maioria dos americanos apoia gastos mais em infraestrutura pronta para inundações

Forbes Tompkins, gerente de comunidades preparadas para enchentes

Como o Congresso considera dedicar centenas de bilhões de dólares dos contribuintes para melhorar as estradas, escolas, hospitais e outras infraestruturas do país, uma esmagadora maioria de americanos - 85% - endossa a exigência de que estruturas financiadas pelo governo federal em áreas propensas a inundações sejam projetadas para suportar melhor as inundações. Além disso, 83% dos americanos apoiam a concessão de subsídios pré-desastre às comunidades e aos estados para melhorar as estradas, para que possam suportar melhor o clima adverso, segundo uma pesquisa divulgada hoje pelo The Pew Charitable Trusts.

Após um ano de inundações significativas em grande parte do Centro-Oeste, esses números mostram apoio robusto entre os americanos a políticas de inundação mais fortes. Sessenta e oito por cento dos americanos apoiam gastos mais adiantados para construir ou reparar infraestrutura de maneiras que aumentam a resiliência além de um estado de boas condições de trabalho.

O apoio a investimentos resilientes cruza o espectro político e todas as regiões do país, assim como a preocupação - expressa por 74% dos entrevistados - de que o número de eventos climáticos extremos, como tempestades, inundações, calor excessivo e incêndios florestais, aumentar na próxima década.

O Congresso deve prestar atenção às opiniões de mais de oito em cada dez americanos que desejam que as estradas de nossa nação sejam construídas para suportar condições climáticas extremas. Uma proposta apoiada pela Pew é estabelecer um programa de transporte pré-desastre que daria subsídios às localidades para melhorar a capacidade das estradas de suportar condições climáticas extremas. Isso ajudaria a melhorar a resiliência de ativos vulneráveis e danificados repetidamente antes da próxima tempestade.

Forbes Tompkins é gerente da iniciativa de comunidades preparadas para enchentes do The Pew Charitable Trusts.

FONTE: <https://www.pewtrusts.org/en/research-and-analysis/articles/2020/02/24/overwhelming-majority-of-americans-support-spending-more-for-flood-ready-infrastructure>



Comunicado de Aprovação do Protocolo de Livre Circulação de Pessoas

O novo acordo - o Protocolo de Livre Circulação da IGAD - foi aprovado por todos os sete Estados Membros da Autoridade Intergovernamental para o Desenvolvimento em

Cartum em 26 de fevereiro. O protocolo segue anos de negociações e consultas. Ele marca um passo significativo no tratamento da lacuna de proteção para um número crescente de pessoas deslocadas em todo o mundo por desastres, que geralmente não se qualificam para o status de refugiado ou outras formas de proteção internacional.

A proteção do Protocolo IGAD para as pessoas afetadas por desastres e mudanças climáticas é ampla. Facilita a entrada e a estadia legal para aqueles que foram deslocados. Também permite que as pessoas em *risco* de deslocamento se movam preventivamente, como forma de evitar ou mitigar os impactos de um desastre.

FONTE: <https://igad.int/attachments/article/2373/Communique%20on%20Endorsement%20of%20the%20Protocol%20of%20Free%20Movement%20of%20Persons.pdf>



Plano Delta do Bangladesh 2100 (BDP 2100)

O Plano Delta do Bangladesh 2100 (BDP 2100) integra todos os planos setoriais individuais aprovados em 2018 pelo Governo do Bangladesh. A Divisão de Economia Geral da Comissão de Planejamento de Bangladesh começou a trabalhar no BDP 2100, com o apoio do Governo da Holanda, em 2011-12.

O BDP 2100 é um documento de planejamento estratégico e abrangente que abrange o período mais longo (50 a 100 anos) e também identifica e prioriza ações para reduzir o risco climático e as perdas ambientais na região delta. Um dos recursos mais úteis do documento é sua flexibilidade - ele permite acréscimos e emendas à medida que novas informações ficam disponíveis.

FONTE: http://plancomm.portal.gov.bd/sites/default/files/files/plancomm.portal.gov.bd/files/dc5b06a1_3a45_4ec7_951e_a9feac1ef783/BDP%202100%20Abridged%20Version%20English.pdf



É preciso redobrar esforços para enfrentar desemprego na América Latina, diz novo diretor da OIT

É necessário redobrar os esforços para enfrentar uma situação de incerteza econômica que afeta o emprego nos países latino-americanos e caribenhos, em meio às demandas crescentes das pessoas que se sentem excluídas.

A avaliação foi feita na terça-feira (3) pelo novo diretor da Organização Internacional do Trabalho (OIT) para a América Latina e o Caribe, o brasileiro Vinícius Carvalho Pinheiro, que assumiu o cargo em 1º de março.

“É um momento desafiador para a região, existe uma tendência de alta na taxa de desemprego e sinais de precariedade e maior informalidade, e a situação não melhorará se um cenário de fraco crescimento econômico se mantiver”, disse Pinheiro, que atua em Lima, sede do escritório regional da OIT.

De acordo com o último relatório de Panorama Laboral (em espanhol), apresentado em janeiro pela OIT, a taxa média de desemprego na América Latina e no Caribe aumentou ligeiramente de 8% para 8,1% em 2019 e pode continuar a aumentar para 8,4% em 2020, se as previsões de fraco crescimento econômico regional, pouco acima de 1%, forem mantidas.

A situação de incerteza é ainda maior devido ao surgimento do novo coronavírus ou COVID-19, que pode ter um impacto importante na economia e no comércio mundial, conforme informado nas últimas semanas.

Em vários países da região, os protestos e as manifestações por mais oportunidades e contra a desigualdade representam um desafio adicional aos mercados de trabalho, de acordo com o novo diretor regional da OIT.

“As reivindicações das pessoas podem estar ligadas a situações de instabilidade no emprego, baixa renda ou falta de proteção social que estão efetivamente na raiz da desigualdade”, afirmou.

O novo diretor regional ocupou anteriormente o cargo de representante especial da OIT nas Nações Unidas e de diretor do escritório da OIT para a ONU em Nova Iorque, onde foi responsável por promover questões de trabalho decente como parte dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Em 2005, ingressou na OIT como chefe do Programa de Proteção Social do Centro Internacional de Treinamento da OIT, em Turim, na Itália. Em 2007, foi transferido para o Departamento de Seguridade Social, em Genebra, para, posteriormente, exercer o cargo de conselheiro chefe do diretor-geral da OIT, de 2009 a 2012. Naquela ocasião, atuou como emissário para o G20 e foi secretário-executivo do Grupo Consultivo sobre o Piso de Proteção Social.

Antes de ingressar na OIT, Pinheiro atuou como principal especialista em pensões na Divisão de Mercados Financeiros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), e foi consultor de organizações como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Em 2002, foi vice-presidente da Conferência Interamericana de Seguridade Social, realizada na Cidade do México.

No Brasil, exerceu uma série de cargos relacionados à previdência social, incluindo o de secretário de Previdência Social do Ministério da Previdência Social.

FONTE: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/documents/publication/wcms_732198.pdf

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>